

Determinantes do Desenvolvimento Económico nos Países Designados por “Tigres Asiáticos”

Carlos Nuno Castel-Branco

Universidade Politécnica

Escola Superior de Altos Estudos e Negócios (ESEAN)

Centro de Estudos Asiáticos (CEAS)

Maputo, 17 de Abril de 2007

Introdução

- Importância do tema
 - Em busca de modelos
 - Rejeitando modelos
 - Aprendendo de experiências
- Foco na Coreia do Sul – experiências dos vários “tigres” são suficientemente diferentes para não gerarem modelos comuns. Necessidade de foco
- Aspectos a considerar no que diz respeito a Moçambique
- Organização da apresentação
 - Os “Tigres Asiáticos”
 - Informação sobre o progresso em saltos históricos
 - Debate e como é que este é estruturado em torno de modelos
 - Uma discussão com base em economia política
 - Vítima do sucesso dos “Tigres”?
 - Moçambique e Coreia do Sul
 - Considerações finais

Os “*Tigres Asiáticos*”

- Quem são?
 - Os 4 originais: Coreia do Sul, Taiwan, Singapura e Hong-Kong. Dois grupos bem diferentes de “tigres” com duas “cidades-estado” e dois com base agrária.
 - Os novos: Tailândia, Malásia, Índia. Será, a RP da China, um “tigre asiático” ou potência global?
 - Definição dinâmica dos “tigres” – sucessos e fracassos fazem a lista de “tigres” mudar com frequência
- Porquê “Tigres”?
 - Símbolo Asiático da força e poder? A importância de ser Asiático – endogeneização dos processos e paradigmas de desenvolvimento do ponto de vista do caminho (percurso) para atingir objectivos económicos.
 - A ironia dos “Tigres de Papel” – uma resposta a Mao Tse Tung num contexto de guerra fria?
- O que os torna “Tigres”?
 - Sucesso?
 - Agressividade?
 - O poder do Estado?

Informação sobre Progresso em Saltos Históricos (1)

- Coreia como um Mundo de desespero sem esperança em finais dos anos 1950, princípios dos anos 1960
 - 80% da população pobre e iliterada
 - $\frac{3}{4}$ da população nas zonas rurais vivendo nos limites da sobrevivência em terras de grandes proprietários ausentes
 - Migração para as zonas urbanas para sub-sobreviver no sector informal urbano
 - Quase inexistência de indústria, de burguesia industrial e do proletariado industrial
 - Riqueza proveniente de rendas, monopólios e posse especulativa de recursos e corrupção ligada com poder
 - Repressão cultural e social: hierarquias rígidas, discriminação de género, futuro construído em torno da família patriarcal. (Nesta época, a “cultura” sul-coreana era definida como obstáculo ao desenvolvimento. Anos mais tarde, foi definida como causa do desenvolvimento. O que é “cultura”? Será rígida e fixa?)
- Vários países da África Sub-Sahariana tinham melhores condições e expectativas de futuro do que a Coreia do Sul – exemplo mais claro era o Gana.

Informação sobre Progresso em Saltos Históricos (2)

- Coreia nos anos 1990-2000 (apesar da crise financeira de meados dos anos 1990):
 - Apenas uma muito pequena minoria da população continua em pobreza relativa;
 - Enquanto que em 1960 a foto de cada estudante que obtinha um PhD saía no jornal principal, nos anos 1990, só em Seoul havia mais de 100 PhDs em Sociologia desempregados como Sociólogos; rácio Engenheiro/população total é tão alto como no Japão e mais alto que nos EUA e na União Europeia;
 - Menos de 20% da população vive em zonas rurais em vilas com menos de 50,000 habitantes, ao mesmo tempo que a produção agrícola é muitas vezes superior à de 1960 (quando mais de 75% da população vivia em zonas rurais);
 - Principais exportações são capitais (IDE da Coreia do Sul aumentou 50 vezes na década de 1990) e produtos de alta tecnologia (contra produtos agrícolas não processados nos anos 1960);

Informação sobre Progresso em Saltos Históricos (3)

- Forte burguesia capitalista financeira e industrial, forte e qualificada classe operária – organização sindical ainda vulnerável como resultado da ditadura militar do passado.
- Alterações culturais e sociais profundas:
 - Mudança nas relações de família (de obediência aos pais para uma vida saudável própria) e género
 - Mudança de gerações: “a primeira era ambiciosa, a segunda gulosa”
 - Nacionalismo e xenofobia e a rejeição da diferença
 - O movimento ecológico
- Democratização crescente do ponto de vista de direitos políticos e o movimento sindical e estudantil
- Será a Coreia do Sul um segundo Japão
 - Continua uma grande diferença económica estrutural
 - Será que a arrogância nacionalista pode impedir de chegar ao Japão?
 - Será que o receio Japonês da competição sul-coreana pode impedir que o Japão seja ultrapassado pela Coreia do Sul?
- Um paralelismo importante com a China: os Jogos Olímpicos (Seoul 1988, Beijing 2008) como celebrações do triunfo de rápida industrialização. A que custo social?

Debate Ortodoxo sobre a Coreia do Sul

- Importância do debate – quais são os factores que permitiram à Coreia do Sul sair do subdesenvolvimento de modo tão rápido e categórico? O que replicar em outras economias? Como replicar?
- Os modelos e generalizações:
 - As ligações: a construção da base industrial (social, tecnológica e institucional)
 - ***Explicações neo-liberais***: os mercados e a abertura como causas do sucesso.
 - Teorias falaciosas. Quatro exemplos:
 - *Liberalização financeira*, 1970s, em que a experiência sul-coreana é, erroneamente, identificada com liberalização financeira e apresentada como base empírica da teoria falaciosa de Shaw e Mackinnon – de facto, o Estado controlava o sistema bancário e os créditos para as áreas prioritárias
 - *Baixos níveis médios de protecção* – as taxas médias eram baixas mas a dispersão era muito alta. Quer dizer, algumas indústrias beneficiavam de levados níveis de protecção e outras de protecção nula ou negativa. A média era baixa, mas a média é completamente falaciosa

Debate Ortodoxo sobre a Coreia do Sul

- *Flexibilidade do mercado de trabalho* e repressão política e social associadas com essa flexibilidade para impedir a organização e reivindicações das classes trabalhadoras. Repressão era altíssima. No entanto, o Estado
 - Usou política salarial para promover modernização e aumento da produtividade forçando aumentos salariais;
 - Favoreceu emprego de longo prazo para encorajar compromisso dos trabalhadores e empresa com a formação, competências, dinâmicas de grupo e resultados das empresas;
 - Financiou a reorientação profissional da força de trabalho para novos empregos sempre que fosse necessário despedir trabalhadores (por exemplo, por efeito da modernização tecnológica).
- *Ajustamento estrutural de indústrias nascentes ou em crise via mercado* – de facto, o Estado ajudou as empresas a realizarem ajustamentos de acordo com ciclos industriais em que se encontravam; coordenou investimento para garantir complementaridade e controlar investimento competitivo.
- *Promoção de exportações em vez de substituição de importações* – de facto, o Estado simultaneamente protegeu e apoiou o surgimento da indústria nacional, ao mesmo tempo que a forçou a exportar. Submeteu a indústria à disciplina do mercado ao mesmo tempo que evitou a competição.

Debate Ortodoxo sobre a Coreia do Sul

- Estudos milagrosos: o relatório do Banco Mundial de 1993 em que os mercados são definidos como a causa do sucesso e as políticas industriais como irrelevantes e prejudiciais. De facto, políticas industriais operaram através dos mercados, umas vezes com grande sucesso, outras vezes com insucesso.
- ***Explicações estruturalistas***: o Estado de desenvolvimento, autocrático, tecnocrático e competente, com foco em crescimento económico e industrialização. Mas de onde vem este Estado e de onde vêm os seus objectivos de desenvolvimento e capacidade política e institucional para os implementar?
- ***A cultura***: trabalho, respeito pela hierarquia, homogeneidade, não corrupção. Por que é que esta cultura secular e milenária não operou antes como factor de desenvolvimento (de facto, tinha sido sempre considerada como factor de atraso por causa do seu carácter rígido, opressivo e excessivamente hierárquico)? Por que é que, coincidentemente, a cultura só funcionou como factor de desenvolvimento no período do Estado de desenvolvimento? O que é que aconteceu com a “cultura” ao longo do processo de transformação social e económica? Será a “cultura” um factor fixo e estático, que funciona como vantagem ou desvantagem comparativa?

Uma discussão com base na Economia Política

- Entender antes de explicar – o político e o económico, os contextos específicos e os agentes e ligações concretos nas sua realidade
- A reforma agrária – foco na expropriação dos grandes proprietários, redistribuição de terras e desenvolvimento da base associativa e tecnológica para o rápido crescimento produtivo (serviços, comércio, finanças, extensão). A agricultura como base de acumulação – apoio do Estado à produção mas organização de sistemas de comércio e preços para garantir baixos custos dos alimentos e das matérias-primas para a classe operária (favorecendo baixos salários) e indústria
 - Porquê? Conflito com o Norte e a pressão dos camponeses; a oposição dos proprietários de terra à industrialização
 - Papel: libertação de recursos (força de trabalho, matérias primas e alimentos, capital, elite literada e burocrática, oportunidades de acumulação); estabilidade social; produtividade agrícola

Uma discussão com base na Economia Política

- O estado de desenvolvimento – porquê o foco em industrialização, competência, base produtiva diversificada e crescimento? As pressões políticas e estratégicas externas (conflito com o Norte, modelos de desenvolvimento no quadro da guerra fria) e internas (reforma agrária requeria revolução industrial para ter sucesso). Excedente investido na industrialização.
- As relações de trabalho – entre exploração e repressão desenfreadas e a utilização da política salarial e da estrutura de emprego de longo prazo para criar eficácia industrial
- Nacionalismo versus abertura – exportar, acesso a capitais e a tecnologias sem investimento directo estrangeiro (IDE). Nacionalismo gerado em condições de guerra fria e contestação interna e externa favoreceu o aproveitamento de capacidades externas sem as pressões causadas pelo IDE.
- Economia política internacional – mercados para exportações processadas de países em desenvolvimento para as economias industrializadas eram mais abertos; guerra do Vietname foi um factor de fluxos de recursos e grande oportunidade de mercado; ajuda dos EUA e do Japão era massiva; mais liberdade de decisão para o governo nacional

Vítimas do Sucesso dos “Tigres”?

- Irá a experiência dos “Tigres económicos” ser idêntica à dos “Tigres felinos”, de se tornarem vítimas do seu próprio sucesso, e de serem caçados até à extinção para que a força que contém passe para o consumidor das partes?
 - Quando o poder do capital promovido pelo Estado de Desenvolvimento ultrapassa o poder do Estado. De um Estado de Desenvolvimento para um Estado capturado pelo capital criado pelo desenvolvimento. “Será o cão que mexe a cauda, a cauda que mexe o cão?”
 - A emergência do capital especulativo e a crise financeira de 1997 – quando os interesses e a gula de rápida acumulação de capital ultrapassam a sobriedade da industrialização
 - A crise financeira de 1997 e a reestruturação da propriedade – a tentativa do capital internacional de apropriar, a baixo custo, os activos produtivos e financeiros de economias de grande sucesso
 - Kicking away the ladder (removendo a escada) – será que o sucesso de rápida industrialização dos “tigres” ensinou às economias desenvolvidas o que devem fazer para **não permitir** o rápido crescimento das economias em desenvolvimento? Os modelos de liberalização económica (antítese da experiência dos “tigres”) como alternativa ao desenvolvimento, isto é, como acto de “remover a escada para o desenvolvimento”?

Moçambique e Coreia

- Podemos e devemos replicar? Será esta a pergunta? Ou, antes, devemos perguntar sobre as condições históricas e o contexto de economia política específicos que enfrentamos? A quem é que os Sul Coreanos replicaram? Será necessário replicar?
- As opções de classe em desenvolvimento – o que é que queremos construir (e quem quer construir isso)?
- Algumas questões de fundo para reflexão:
 - A construção de uma base produtiva e comercial alargada, diversificada e sólida – a base social deste processo. Desenvolvimento requer uma tal base. A questão é como chegar lá. O percurso é histórica, social e politicamente específico
 - A questão da terra e da reforma agrária – quais as questões de facto em conflito e qual a abordagem a desenvolver? Que reforma agrária é necessária?
 - Para onde vão os excedentes de produção – padrões de desenvolvimento e o estado industrial?
 - Relações de produção – como organizar a produção para mobilizar as forças produtivas e garantir o desenvolvimento social e económico dinâmico e amplo?
 - A região e as dinâmicas regionais – seguir modas? O que é que queremos da região e como obtê-lo?
 - Entre democracia e ditadura – a expressão política da nossa visão económica e social. Uma ditadura “iluminada” (para quem e por quem?) ou uma sociedade “iluminada” e dinâmica?

Considerações Finais (1)

- A tónica desta apresentação é que não é possível nem desejável copiar as experiências dos outros, nem sequer é necessário.
- Lições há muitas, mas o percurso para as materializar é específico de acordo com condições históricas, económicas, sociais e políticas específicas. O percurso é fundamental, pois é este percurso que permite ou não atingir objectivos de desenvolvimento.
- Para o sucesso ou fracasso do desenvolvimento de cada País, há muitas condições necessárias, nenhuma das quais em si é suficiente. Além disso, “sucesso” ou “fracasso” não são conceitos objectivos e neutros relativamente a opções e perspectivas de classe de desenvolvimento.

Considerações Finais (2)

- As acções que conduzem ao “sucesso” ou “fracasso” de programas de desenvolvimento nem sempre são conscientemente construídas para esse fim. Muitas vezes, essas acções resultam de respostas defensivas a pressões internas e externas. Estas experiências conduzem a cinco tipos de lições:
 - A acção em si (por exemplo, a reforma agrária), que vantagens tem e o que é que pode proporcionar?
 - Que questões esta acção permitiu resolver e que opções de desenvolvimento abriu (por exemplo, a eliminação, como classe, do grupo de latifundiários ausentes e improdutivos e a transferências de excedentes para a industrialização)
 - Quais são as condições necessárias (políticas, sociais e económicas) para implementar esta acção em condições históricas específicas
 - Sendo necessária, mas não suficiente, esta acção requer articulação com outras acções para permitir atingir o objectivo de industrialização – que outras acções e como articulá-las.
 - Dado que as condições históricas são específicas, réplicas institucionais são impossíveis. Mas existem equivalentes institucionais – por exemplo, o que numa economias é atingível com reforma agrária em outras pode ser atingível com outra mudança profunda da dinâmica social de acumulação a favor da industrialização. Ou o que numa economia é atingível via redistribuição da terra, em outra será atingível pela estruturação dos serviços produtivos, financeiros e comerciais. Isto é, cada realidade histórica específica pode ter as suas dinâmicas e percursos institucionais próprios.

Considerações Finais (3)

- Alguns exemplos podem ilustrar este tema:
 - Tanto Cuba como o Zimbabwe desenvolveram uma base produtiva relativamente diversificada com muito boa capacitação profissional e excelentes serviços de manutenção e reparação. Cuba desenvolveu uma boa base científico-tecnológica. Esta base permite, por exemplo, potenciar o papel do turismo em Cuba porque este é servido por, e articula-se com, uma ampla base produtiva de boa qualidade. Em ambos os casos, pode ser argumentado que o bloqueio económico contribuiu para motivar as opções de desenvolvimento para criar tal base produtiva. É inquestionável que o bloqueio económico tenha jogado um papel, mas:
 - O bloqueio pode ter sido um motivador necessário, mas não é suficiente. O que mais foi necessário?
 - Qual é a principal lição desta experiência? É a vantagem de construir uma economia de base alargada, diversificada e com boas bases em manutenção e reparação.
 - Será necessário sofrer um bloqueio para fazer isto? Ou (i) é necessário aprender a lição em si e (ii) encontrar o equivalente institucional do bloqueio (quer dizer, outros factores que despoletem o interesse político) para motivar as mudanças necessárias?

Considerações Finais (4)

- O Estado Sul-Coreano exerceu forte controlo sobre a banca no período de rápida industrialização. Moçambique liberalizou a banca e dificilmente poderá re-nacionalizá-la. Significará isto que o projecto de industrialização em Moçambique não será financiado? Ou, alternativamente, quais são os equivalentes institucionais de uma banca nacionalizada (em outras palavras, qual é a essência do problemas?)
 - Será que um quadro de política industrial construído em torno de *clusters* (concentrações) e cadeias de produto e valor pode atrair a banca privada (quer dizer, em vez do controlo directo, fazer a motivação indirecta)?
 - Será que a coordenação pelo Estado de investimento complementar e competitivo pode tornar o investimento da banca em áreas e actividades prioritárias mais atractivo?
 - De todo o modo, o controlo da banca não é condição suficiente – sem objectivos claros é provável que haja um grande desperdício de recursos.

Considerações Finais (5)

- O Estado Sul-Coreano protegeu o desenvolvimento das empresas industriais ao mesmo tempo que as obrigou a exportar (para isso, tinham que adquirir a capacidade tecnológica, os padrões de qualidade e os níveis de produtividade e competitividade necessários). Portanto, o Estado submeteu as empresas à disciplina da competição sem as expor aos efeitos negativos da competição. É argumentado que isto foi feito por causa das pressões políticas e da guerra fria a que o Estado estava sujeito – industrialização era condição necessária para a sobrevivência do Estado.
 - Qual é a lição principal deste processo? Que a protecção e substituição de importações podem criar uma base para a ampla promoção das exportações. Que isto é necessário, mas não suficiente. Que outras acções são necessárias e interligadas (políticas industriais específicas, destinadas a mercados, tecnologias e empresas específicas; articulação das acções industriais com a infra-estrutura, finanças, investimento complementar do Estado, etc.)?
 - Qual é o equivalente institucional da pressão da guerra (quer dizer, na ausência de uma pressão deste tipo, o que pode motivar a seguir uma abordagem inovadora e agressiva do ponto de vista de industrialização)?
 - Na impossibilidade de prosseguir uma política de protecção tradicional dados os acordos internacionais de Moçambique, o que pode ser feito? Isto é, qual é o equivalente institucional da protecção – exemplo, subsídios para modernização empresarial e créditos de exportação? Como é que a ajuda externa, na ausência de uma banco de desenvolvimento, pode ajudar a financiar este processo.